



FUNDAÇÃO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS – FUPAC/UBÁ CURSO DE ENFERMAGEM

SÍNDROME DE *BURNOUT* NOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Burnout syndrome in intensive care unit nursing professionals

Cristiane Ribeiro de Oliveira¹; Patrícia Ribeiro Rodrigues¹; Pricila Ferrari Moreira Nascimento²

¹Discentes do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Presidente Antônio Carlos-FUPAC

²Professora do curso de enfermagem da Fundação Presidente Antônio Carlos - FUPAC/ Ubá, Minas Gerais

RESUMO

Enfermeiros de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), sofrem influência contínua de diversos estressores encontrados no ambiente laboral. Devido ao trabalho exaustivo e tenso esses profissionais estão mais propensos a desenvolver o estresse ocupacional, que com o tempo pode desencadear a síndrome de *Burnout*, assim como outros transtornos mentais. As condições oferecidas pelo ambiente de trabalho podem afetar diretamente a prática do profissional de enfermagem e assim levando a um estresse crônico comprometendo sua saúde mental. A Síndrome de *Burnout* é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações desgastantes de trabalho, que demandam competitividade ou responsabilidade, é um desgaste que prejudica os aspectos físicos e emocionais da pessoa levando a um esgotamento profissional, além de acarretar inúmeras consequências aos profissionais nos âmbitos físico e mental, ocasionando sequelas secundárias no ambiente profissional e social. O presente estudo teve como objetivo descrever os indicadores que predisõem a ocorrência de Síndrome de *Burnout* em Enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Trata-se de um estudo de revisão da literatura realizada através de pesquisas bibliográficas a partir de buscas nas seguintes bases virtuais de dados: Periódicos Eletrônicos de Enfermagem, Scientific Eletronic Library Online (Scielo) e Google Acadêmico para fundamentação teórica deste artigo. Os resultados obtidos possibilitaram compreender que a qualidade de vida no âmbito profissional do enfermeiro intensivista está relacionada aos indicadores que conduzem ao estresse crônico ocasionando a síndrome de *Burnout*.

Palavras-chave: Unidade de Terapia Intensiva, Saúde do trabalhador, *Burnout*, Esgotamento profissional.

ABSTRACT

Intensive Care Unit (ICU) nurses suffer continuous influence from various stressors presents in the workplace. Due to exhausting and tense work, these professionals are more likely to develop occupational stress, which over time can trigger Burnout syndrome, as well as other mental disorders. The conditions offered by the work environment can directly affect the practice of the nursing professional and thus lead to chronic stress compromising their mental health. Burnout Syndrome is an emotional disorder with symptoms of extreme exhaustion, stress and physical fatigue due exhausting work situations, that demand a lot of competitiveness or responsibility, it is a wear and tear that harms the person's physical and emotional aspects leading to professional burnout. The present study had to describe the indicators that predispose to the occurrence of burnout syndrome in intensive care unit (ICU) nurses. This is a literature review article conducted through bibliographic searches from searches in the following virtual databases: Electronic Nursing Journals, Scientific Electronic Library Online (Scielo) and Google Academic for the theoretical foundation of this article. The results made it possible to understand that the quality of life in the professional context of intensive care nurses is related to the indicators that lead to chronic stress causing burnout syndrome.

Keywords: *Intensive Care Unit, Occupational health, Burnout, Professional exhaustion*

Correspondência:

Nome: Cristiane Ribeiro de Oliveira
E-mail: cristianeribeiro1983@hotmail.com

Nome: Patrícia Ribeiro Rodrigues
E-mail: patirodrigueiro5@gmail.com

INTRODUÇÃO

Enfermeiros de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), sofrem influência contínua de diversos estressores encontrados no ambiente laboral. Devido ao trabalho exaustivo e tenso, esses profissionais estão mais propensos a desenvolver o estresse ocupacional, que com o tempo pode desencadear a síndrome de *Burnout*, assim como outros transtornos mentais. O *Burnout* e o estresse são os temas mais abordados por pesquisadores da área de saúde mental no trabalhador (Vasconcelos e Martino, 2017).

A Enfermagem é uma profissão comprometida com a saúde e a qualidade de vida da pessoa, família e coletividade, atua na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde em consonância com os preceitos éticos e legais (Conselho Regional de Enfermagem, 2012). É uma profissão cuja essência e especificidade é o cuidado humano, que ocorre por meio da tomada de responsabilidade pelo seu conforto, acolhimento e bem-estar. É o profissional de enfermagem que está em maior contato com o paciente, seja no cuidado clínico ou assistencial, além de desenvolver trabalhos administrativos, planejar ações, organizar seminários, eventos, palestras, investigar patologias e preencher relatórios e planilhas, ou seja, a profissão exige muito do profissional, uma vez em que é necessário dar conta dos cuidados com os pacientes, coordenar uma equipe, incluindo toda a parte burocrática (Silva et al., 2015).

A qualidade de vida dos trabalhadores da saúde encontra-se diretamente relacionada aos diferentes estressores ocupacionais. O trabalho desenvolvido em instituições hospitalares expõe os trabalhadores a diversos agentes de *stress* ocupacionais, como o ambiente insalubre, o regime de trabalho por turnos, os salários baixos, a desvalorização profissional, com um enfoque particular no contato muito próximo estabelecido com os pacientes, que podem mobilizar emoções e conflitos, tornando os seus trabalhadores particularmente susceptíveis ao sofrimento psíquico conduzindo a um adoecimento relacionado ao trabalho (Dias, Queirós Carlotto, 2010).

A saúde mental é uma parte integrante e essencial da saúde. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) “saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doença ou enfermidade”. Uma implicação importante dessa definição é que a saúde mental é mais do que a ausência de transtornos mentais ou deficiências. Trata-se de um estado de bem-estar no qual um indivíduo realiza suas próprias habilidades, pode lidar com as tensões normais da vida, pode trabalhar de forma produtiva e é capaz de trazer contribuições à sua comunidade.

O termo Síndrome de *Burnout* (SB), também conhecida como a Síndrome do Esgotamento Profissional foi criado pelo psicanalista alemão Herbert J. Freudenberger, em 1974,

para descrever o problema que ele mesmo enfrentava junto com seus colegas (Menezes et al., 2017). É um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade, é um desgaste que prejudica os aspectos físicos e emocionais da pessoa levando a um esgotamento profissional (Ministério da Saúde 2019).

Nos profissionais que atuam na área hospitalar é uma realidade preocupante, pois esta forma de adoecimento profissional pode levar a um comprometimento na qualidade da assistência que é prestada ao cliente (Dias, Queirós Carlotto, 2010).

Já que a doença não exige notificação compulsória, o Ministério da Saúde não consegue contabilizar com precisão o número de brasileiros que são afetados pela mesma; contudo, segundo dados obtidos pela Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, na comparação entre os anos de 2017 e 2018, o crescimento de benefícios de auxílio-doença chegou a 114,80%. Em um *ranking* de oito países, os brasileiros ganham de chineses e americanos, só ficando atrás dos japoneses e enfermeiros estão entre as profissões mais afetadas pela pane física e mental (Neves, 2019). O transtorno está registrado na lista de doenças relacionadas ao trabalho, da portaria nº 1339 de 18 de novembro de 1999, está incluída no grupo V da CID 10 (Classificação Internacional de Doenças), descrita como sensação de estar acabado (Ministério da Saúde 1339/1999).

Por se caracterizar como Síndrome do Esgotamento Profissional ou distúrbio emocional, a melhor forma de prevenir a mesma são estratégias que diminuam o estresse e a pressão no trabalho como condutas saudáveis que evitem o desenvolvimento da doença (Ministério da Saúde).

A Síndrome é considerada uma questão de Saúde Pública e Social de grande relevância, pois é um dos agravos psicossociais mais importantes na sociedade atual. Tendo em vista que o Enfermeiro é o profissional que lida diretamente com o paciente e se dedica às necessidades de outras pessoas, a sobrecarga de trabalho, o baixo salário, a desvalorização profissional, o convívio com o sofrimento e a morte e desunião na equipe, permite questionar a relevância desta relação com a incidência de diagnóstico da Síndrome de *Burnout* nesses profissionais.

O presente estudo tem por objetivo descrever os indicadores que predispõem a ocorrência de Síndrome de Burnout em Enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Trata-se de um estudo de revisão da literatura realizada através de pesquisas bibliográficas a partir de buscas nas seguintes bases virtuais de dados: Periódicos Eletrônicos de Enfermagem, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico para fundamentação teórica deste artigo.

Fatores desencadeantes da Síndrome de *Burnout* nos profissionais de Enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva (UTI)

O termo *Burnout* foi utilizado, primeiramente em 1974, pelo psicanalista alemão Herbert J. Freudenberger, nascido em 1926 na Alemanha, de família judia, fugindo para os Estados Unidos após a ascensão do nazismo e início da perseguição aos judeus. Na década de 70, Freudenberger passou a atuar em clínicas de atendimento gratuitas onde tratava, principalmente, abusadores de substâncias. Seu conceito clínico para *Burnout* foi inicialmente desenvolvido a partir do trabalho nessas clínicas, onde passou a perceber um processo gradual de esgotamento emocional, desgaste no humor e diminuição da motivação nos trabalhadores voluntários, associando este quadro ao estado de exaustão e apatia apresentado por médicos, psicólogos e enfermeiros que se sacrificavam pelos pacientes em atendimento. Eram profissionais que obtinham pouco reconhecimento por seus esforços, acabando por sacrificar sua própria saúde neste processo. Freudenberger complementou seus estudos entre 1975 e 1977, acrescentando na sua definição comportamentos de fadiga, depressão, irritabilidade, aborrecimento, sobrecarga de trabalho, rigidez e inflexibilidade (Alves, 2017).

Burnout origina-se do verbo inglês “*toburn out*” que significa queimar-se por completo, consumir-se. É um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante que demandam muita competitividade ou responsabilidade, é um desgaste que prejudica os aspectos físicos e emocionais da pessoa levando a um esgotamento profissional (Ministério da Saúde 2019, Lopes, Ribeiro, Martinho, 2012).

De acordo com Vidotti et al. (2018), essa síndrome é composta por três dimensões: exaustão emocional, entendida como falta de energia e sensação de esgotamento dos recursos emocionais, despersonalização, caracterizada por desapego emocional e baixa realização profissional, tendência dos indivíduos a autoavaliarem negativamente seu desempenho no trabalho e insatisfação com suas carreiras. Assim, caracteriza-se pela perda de sentido no trabalho, falta de motivação, atitudes negativas e desapego dos outros, prejudicando o processo de trabalho no campo da saúde. A psicóloga social norte-americana Christina Maslach caracterizou a síndrome como uma resposta à tensão emocional causada pela exposição a fatores estressores ocorridos no ambiente de trabalho, ela foi a primeira a perceber que pessoas portadoras da síndrome de *Burnout* apresentavam atitudes negativas e de distanciamento pessoal. Maslach foi pioneira e popularizou o conceito legitimando-o como uma importante questão social (Alves, 2017).

Em 1981 foi criado o Maslach Burnout Inventory (MBI) por Christina Maslach e Susan Jackson, o instrumento de pesquisa mais utilizado para medir o grau de desgaste dos profissionais. O MBI contém 22 itens que avaliam a síndrome através de suas três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e realização pessoal, visa compreender como o profissional sente-se em diferentes categorias analisadas (Oliveira et al., 2020).

Segundo Schmidt et al. (2013), a ausência de realização profissional (RP) representa o componente de autoavaliação no *Burnout*. Ela refere-se a sensações de incompetência e uma falta de realização e produtividade no trabalho. Essa menor sensação de autoeficácia é acentuada por uma falta de recursos no trabalho, bem como uma falta de apoio social e de oportunidades de desenvolvimento profissional. Um ambiente de trabalho em que as relações sociais se caracterizam pela ausência de apoio e colaboração entre os colegas, pode estimular afetos negativos dirigidos ao trabalho, ocasionando maior propensão à exaustão emocional (Andrade et al., 2012).

Os principais fatores que desencadeiam o estresse no ambiente laboral estão relacionados a aspectos da organização, administração, sistema de trabalho e das relações interpessoais, fatores que compõem os aspectos psicossociais. O esgotamento emocional é caracterizado pelo desgaste ou pela perda dos recursos emocionais e de energia, que levam a falta de entusiasmo, frustração, tensão e fadiga (Silva et al., 2015). Fernandes et al. (2015), enfatiza alguns indicadores que afetam a saúde mental do enfermeiro intensivista, como a insatisfação com a rotina do setor e com as relações interpessoais na equipe, falta de material e estrutura da instituição, o mal reconhecimento do profissional são fatores que implicam o surgimento de ansiedade, cansaço, sonolência, estresse, irritação e muitos outros dispositivos que podem gerar o estresse ocupacional. Este decorre, geralmente, do desgaste físico e psíquico provocado por diversos aspectos ameaçadores do bem-estar do enfermeiro que compromete, inclusive, a qualidade da assistência por ele prestada.

A Enfermagem é uma profissão marcada pelo cuidado, gera-se um estado de estresse crônico, com o tempo prolongado da jornada, a diversidade de tarefas, o ambiente físico inadequado, poucos funcionários dedicando-se às necessidades de outras pessoas, que levam o profissional a um desgaste físico e mental (Paiva et al., 2019).

Qualidade de vida no trabalho e sua influência na saúde mental do profissional de Enfermagem intensivista

O trabalho de enfermagem no Brasil é realizado por um grande contingente de trabalhadores. Cerca de 1.856.683.13. Dados apontam que a força de trabalho é constituída por 88% de mulheres, está inserida em instituições públicas e privadas, hospitalares e da rede de atenção básica do Sistema Único de Saúde (SUS), percebe salários diferenciados em relação aos outros trabalhadores de saúde e trabalha mais, em extensas jornadas, em rodízios de turnos e no trabalho noturno para prestar assistência diuturnamente, vivencia relações autoritárias, na equipe de enfermagem e de saúde, no dia a dia de trabalho, convivendo constantemente com a dor, a perda e a morte de pacientes (Guimarães et al., 2015).

De acordo com Campos et al. (2015), o processo de cuidar envolve o estado de bem-estar, cuidar do outro implica atenção, dedicação, entrega, doação, e tensão emocional constante. A natureza deste trabalho, no qual, às vezes, é necessário lidar com a dor, o sofrimento e a morte de pacientes, pode afetar a saúde dos trabalhadores causando-lhes prejuízos físicos, sociais e psicológicos.

Os conceitos de saúde mental abrangem, entre outras coisas, o bem-estar subjetivo, a autoeficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a autorrealização do potencial intelectual e emocional da pessoa. Tal conceito associado à saúde do trabalhador indica que estar saudável ou não pode ser determinado pela interação do trabalhador, suas estruturas de suporte mental e os elementos do processo de trabalho. (França et al., 2014). De acordo com Silva e Robazzi (2019), ter saúde mental significa ser capaz de recuperar-se do estresse rotineiro, conseguir lidar com as cobranças da vida, reconhecer seus limites, superar dificuldades, manejar conflitos, traumas ou transições importantes dos ciclos vitais diminuindo, assim, as possibilidades de acometimento por alterações mentais. Às vezes, torna-se difícil determinar a saúde mental. Na maioria dos casos, é uma condição de bem-estar emocional, psicológico e social, evidenciada por relações interpessoais satisfatórias, comportamento e enfrentamento eficazes, autoconceito positivo e estabilidade emocional (Videbeck 2012).

Os profissionais, muitas vezes, não conseguem enxergar os problemas de saúde que estão sofrendo, nem fazem associação dos seus sintomas às doenças. Estão em uma rotina cuidando das outras pessoas, mas não se lembram de cuidar de si mesmos. Assim nem percebem que estão adoecendo devido às situações que os rodeiam no trabalho, afetando seu humor e

estilo de vida, nesse contexto entra a saúde do trabalhador, incluindo a saúde mental, é importante o profissional ter um acompanhamento psicológico, pois são sintomas que passam despercebidos, embora perceptíveis por outra pessoa. (Ferreira, Medeiros, Carvalho, 2017).

Qualidade de vida no trabalho envolve fatores como o sentimento de orgulho pelo trabalho realizado, segurança no emprego, reconhecimento pelos resultados alcançados, relacionamento humano dentro do grupo e da organização, ambiente de trabalho, liberdade de decisão, entre outros. É a satisfação do profissional em trabalhar e não uma obrigação. A qualidade de vida do profissional no trabalho faz toda a diferença para que o mesmo possa dar assistência à outra pessoa. (Azevedo, Nery, Cardoso, 2017).

Quando se fala em atenção à saúde do trabalhador, o que se propõe é intervir nas relações entre o trabalho e a saúde, promovendo e protegendo a saúde dos trabalhadores através das ações de vigilância dos riscos presentes nos ambientes e condições de trabalho, dos agravos à saúde do trabalhador e da organização e prestação de assistência a estes, compreendendo procedimentos de diagnóstico, tratamento e reabilitação de forma integrada no Sistema Único de Saúde (SUS) (Moura, Greco, Leonel, 2015).

Na Enfermagem, sabe-se que há peculiaridades do trabalho que contribuem para o desenvolvimento de distúrbios de saúde física e mental, especialmente em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), o qual se destaca entre os setores cuja carga de trabalho é maior pelo nível de complexidade dos pacientes e pela crescente demanda de atividades assistenciais. Por esses fatores e também pelo convívio diário com o sofrimento, uso de tecnologias para a monitorização constante dos parâmetros vitais que provocam altos níveis de ruídos, tomada de decisão correta, a qualidade de vida no trabalho da equipe de enfermagem intensivista geralmente é insatisfatória, trazendo maior predisposição para o desenvolvimento da síndrome de *Burnout* (SB). As condições oferecidas pelo ambiente de trabalho podem afetar diretamente a prática do profissional de enfermagem, e assim levando a um estresse crônico comprometendo sua saúde mental. (Mello et al., 2019).

Ressalta-se, nesse aspecto, a importância dos períodos de descanso e sono adequados a fim de minimizar os efeitos do estresse, próprios da atuação profissional, sobre o corpo e a mente do trabalhador. Ter boa qualidade de vida relacionada à saúde física e mental pode influenciar de forma positiva em variadas dimensões da vida do indivíduo e favorecer o desempenho nas atividades laborais. (Souza et al., 2018).

Síndrome de *Burnout*: consequências na vida profissional e pessoal

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é um setor de internação hospitalar que trata os pacientes em estado grave ou potencialmente grave, com prognóstico viável pelo cuidado intensivo. Grande parte desses pacientes apresenta instabilidade clínica, com o aumento no risco de morte. É necessário para sobrevivência desses pacientes, um conjunto de recursos tecnológicos de alto custo e a presença ininterrupta de profissionais com a devida qualificação, voltada para o cuidado intensivo (Galindo et al., 2019). Segundo Nascimento et al. (2019), podem ser apontadas como um dos ambientes mais exaustivos e tensos do hospital. Caracteriza-se pela exposição ao desgaste físico e emocional, decorrente da convivência diária com a angústia e o sofrimento dos clientes e familiares e ainda por maior exposição dos profissionais a desgastes mentais.

Na área da saúde do trabalhador, entende-se o estresse laboral como um desequilíbrio entre as demandas laborais e a capacidade de enfrentamento dessas demandas pelos trabalhadores. Isto é, a resposta psicológica, fisiológica e emocional inadequada para adaptar-se às exigências do trabalho cotidiano (Aragão, Barbosa, Sobrinho, 2019).

A Síndrome de *Burnout* acarreta inúmeras consequências aos profissionais nos âmbitos físico e mental, ocasionando sequelas secundárias no ambiente profissional e social, em nível psicológico e a curto prazo levando à falta de concentração, sentimento de solidão, déficit de memória, baixa autoestima, agressividade, desarmonia familiar, isolamento tanto no trabalho quanto na vida social. A longo prazo, pode-se levar ao abuso do álcool, cigarro, além de substâncias ilícitas como tranquilizantes, mau rendimento no trabalho, maior quantidade de erros, procedimentos equivocados, falta de interação com a equipe e insatisfação do paciente em relação ao atendimento obtido (Silveira et al., 2016). Segundo Gonçalves C e Gonçalves R (2017), os transtornos psicológicos podem acarretar ainda manifestações físicas ou transtornos psicossomáticos, envolvendo fadiga crônica, dores de cabeça, insônia, úlceras digestivas, hipertensão arterial, taquicardia, arritmias, perda de peso, dores musculares, alergias e lapsos de memória.

De acordo com Rodrigues, Santos e Souza (2017), o estresse e a Síndrome de *Burnout* nos trabalhadores de enfermagem estão associados ao comprometimento da segurança do paciente. Além disso, essas variáveis tornam o profissional mais vulnerável à ocorrência de incidentes, desse modo, acabam por se relacionar positivamente com as falhas no cuidado. A partir disso, é notável a necessidade de diagnósticos precisos e precoces, bem como a estimativa detalhada da prevalência da síndrome para que, dessa forma, suas consequências sejam

prevenidas, diminuídas e/ou sanadas. Tais riscos e condições, quando não bem ajustados e adequados, influenciam diretamente na saúde física e mental desses indivíduos, contribuindo para o desencadeamento de níveis altos de sintomas psicofisiológicos do estresse e consequente exaustão emocional, interferem negativamente na vida profissional e pessoal (Batista et al., 2019)

Por se caracterizar como Síndrome do Esgotamento Profissional ou distúrbio emocional, a melhor forma de prevenir a mesma são estratégias que diminuam o estresse e a pressão no trabalho como condutas saudáveis evitando o desenvolvimento da doença, exemplos: conversar com alguém de confiança sobre o que se está sentindo, não se automedicar nem tomar remédios sem prescrição médica, participar de atividades de lazer com amigos e familiares, entre outros, assim ajudando a tratar sinais e sintomas logo no início, outra conduta recomendada é descansar adequadamente, com boa noite de sono (pelo menos 8h diárias), manter o equilíbrio entre o trabalho, lazer, família, vida social e atividades físicas (Ministério da Saúde 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou compreender que a qualidade de vida no âmbito profissional do enfermeiro intensivista está relacionada aos indicadores que levam ao estresse crônico, ocasionando a síndrome de *Burnout*, como o ambiente insalubre, carga horária exaustiva, baixa remuneração, conflitos com colegas, complexidade dos procedimentos, falta de recursos pessoais e materiais, sobrecarga de trabalho, desunião na equipe, desvalorização profissional, contato direto com pacientes críticos, convívio com o sofrimento e a morte, uso de tecnologias para a monitorização constante dos parâmetros vitais que provocam altos níveis de ruídos e as múltiplas responsabilidades atribuídas ao profissional.

Os resultados obtidos demonstram que a enfermagem é uma profissão que está se tornando cada vez mais estressante, são muitos os profissionais exaustos colocando em prioridade a vida e a saúde do próximo, mas, para cuidar do outro é preciso estar bem mentalmente e fisicamente. É importante enfatizar que procurar apoio psicológico e da família não é sinal de fraqueza, mas sim uma estratégia inteligente para lidar com sentimentos e principalmente suas frustrações profissionais e pessoais. Pode se concluir que esse estudo é importante e necessário para que a instituição pratique melhorias em condições de trabalho, um olhar mais atento, ajudar quando for preciso, seja ela por procura espontânea ou observada de

forma externa, assim podendo prever ou minimizar os efeitos da doença cuidando de quem cuida.

REFERÊNCIAS

- Alves ME. Síndrome de Burnout. *Psychiatry online Brasil*. 2017; 22 (9): 1-26.
- Amaral JF, Ribeiro JP, Paixão DX. Qualidade de vida no trabalho dos profissionais de enfermagem em ambiente hospitalar: Uma revisão integrativa. *Revista espaço para saúde*. 2015;16(1): 66-74.
- Andrade T, Hoch REE, Vieira KM, Rodrigues CMC. Síndrome de Burnout e suporte social no trabalho: A percepção dos profissionais de enfermagem de hospitais públicos e privados. *Organizações e Sociedade*. 2012; 19(61): 231-251.
- Aragão NSC, Barbosa GB, Sobrinho CLN. Síndrome de Burnout e fatores associados em enfermeiros intensivistas: uma revisão sistemática. *Revista baiana de enfermagem*. 2019;33: e28605.
- Azevedo BDS, Nery AA, Cardoso JP. Estresse Ocupacional e Insatisfação com a Qualidade de Vida no Trabalho da Enfermagem. *Texto e Contexto Enfermagem*. 2017; 26(1): 1-11.
- Batista KO, Santos JF, Santos ST, Aoyama EA, Lima RN. Síndrome de Burnout em Enfermeiros: Consequências na Atividade Profissional. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*. 2019;1(4):61-5.
- Brasil. Ministério da Saúde, Saúde Mental, Síndrome de Burnout: O que é, quais as causas, sintomas e como tratar; 2019.
- Campos ICM, Angélico AP, Oliveira MS, Oliveira, DCR. Fatores Sociodemográficos e Ocupacionais Associados à Síndrome de Burnout em Profissionais de Enfermagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2015; 28(4): 764-771.
- Conselho Regional de Enfermagem do Espírito Santo: O Profissional de Enfermagem, quem são? Espírito Santo; 2012.
- Dias S, Queirós C, Carlotto MS. Síndrome de burnout e fatores associados em profissionais da área da saúde: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal. *Aletheia*. 2010 Ago;(32):4-21.
- Fernandes MA, Neta HTC, Souza LEN, Marziale MHP, Pedrosa JIS, Veloso JO. Saúde Mental dos Enfermeiros da Unidade de Terapia Intensiva de um Hospital de ensino. *Revista de Enfermagem UFPE*. 2015; 9(10):1437-44.
- Ferreira DKS, Medeiros SM, Carvalho IM. Sofrimento psíquico no trabalhador de enfermagem: uma revisão integrativa. *RevFundCare Online*. 2017; 9(1): 253-258.
- ForestoDR, SouzaJLE. Síndrome De Burnout: Indicadores Em Enfermeiros Da Atenção Primária. *R. Funec Cient. Mult*. 2015;3(5):110-21.
- França TLB, Oliveira ACBL, Lima LF, Melo JKF, Silva RAR. Síndrome de Burnout: Diagnóstico, Fatores de Risco e Prevenção. *Revista de Enfermagem UFPE*. 2014;8(10): 3539-46.
- Galindo IS, Kempfer SS, Romanoski PJ, Lazzari DD, Bresolin P, Gorris PP. Enfermeiro intensivista: processo de formação profissional. *Revista de Enfermagem UFMS, Santa Maria*. 2019; 9(49):1-20.
- Gonçales AC, Gonçalves AR. Síndrome de Burnout: Causas e consequências em diversos profissionais. *Revista Brasileira de Psicologia*. 2017;3(2):49-65.

Guimarães ALO, Ratier APP, Takayanagui AMM, Silva A, Okuno E, Silva FJ et al. Saúde do Trabalhador de Enfermagem. Barueri: Manole; 2015. Cap 1, p. 9-10.

Lopes C, Ribeiro T, Martinho N. Síndrome de Burnout e sua relação com a ausência de qualidade de vida no trabalho do enfermeiro. Enfermagem em Foco. 2012; 3(2):97-101.

Mello DG, Machado TS, Amorim TV, Almeida EB, Andrade DBL. Qualidade de vida no trabalho da equipe de Enfermagem intensivista em um hospital de ensino. Revista de Enfermagem UFJF. 2019; 5(1):1-14.

Menezes PCM, Alves ÉSRC, Neto SAA, Davim RMB, Guaré RO de. Síndrome de Burnout: Uma análise reflexiva. Revista Enfermagem UFPE Recife. 2017; 11(12): 5092-101.

Ministério da Saúde. Lista de doenças relacionadas ao trabalho. Portaria nº 1339 de 18 de novembro de 1999.

Moura DCA, Greco RM, Leonel M. Saúde do Trabalhador – Produção científica da Enfermagem na primeira década do século XXI. R. Enfermagem UFJF. 2015;1(2):153-160.

Nascimento DSS, Barbosa GB, Santos CLC, Martins Júnior DF, Nascimento Sobrinho CL. Prevalência de Distúrbio Psíquico Menor e fatores associados em enfermeiros intensivistas. Rev baiana enferm. 2019;33:e28091.

Neves U. Síndrome de Burnout entra na lista de doenças da OMS. Portal PEBMED. Psicologia Médica, Saúde Pública; 2019.

Oliveira FKFF, Santos JD, Fraga ASB, Góis RMO, Lima MES. Uso do instrumento Maslach Burnout Inventory como método diagnóstico para síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem: Uma revisão integrativa. Caderno de Graduação Ciências Biológicas E Da Saúde, Unit Sergipe. 2020;6(1):189.

Organização Mundial da Saúde. Saúde Mental depende de bem estar físico e social; 2016.

Paiva JDM, Cordeiro JJ, Silva KKM, Azevedo GS, Bastos RAA, Bezerra CMB et al, Fatores desencadeantes da Síndrome de Burnout em Enfermeiros. Revista enfermagem UFPE online, Recife .2019; 13(1):483-90.

Rodrigues CCFM, Santos VEP, Sousa P. Segurança do paciente e enfermagem: interface com estresse e Síndrome de Burnout. Revista Brasileira de Enfermagem. 2017;70(5):1083-1088.

Schmidt DRC, Paladini M, Biato C, Pais JD, Oliveira AR. Qualidade de vida no trabalho e burnout em trabalhadores de enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva. Revista Brasileira de Enfermagem. 2013; 66(1): 13-17.

Silva AF, Robazzi MLCC. Alterações mentais em trabalhadores de unidades de terapia intensiva. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas. 2019; 15(3):1-10.

Silva JLL, Soares RS, Costa FS, Ramos DS, Lima FB, Teixeira LR. Fatores psicossociais e prevalência da síndrome de burnout entre trabalhadores de enfermagem intensivistas. Revista Brasileira de Terapia Intensiva. 2015; 27(2): 125- 133.

Silva RNS, Silva LP, Costa MCM, Mendes JR. Síndrome de Burnout em Profissionais da Enfermagem. Faculdade Santo Agostinho, Revista Saúde em Foco. 2015; 2(2): 94-106.

Silveira ALP, Colleta TCD, Ono HRB, Woitas LR, Andrade VLA et al, Síndrome de Burnout: consequências e implicações de uma realidade cada vez mais prevalente na vida dos profissionais de saúde. Rev Bras Med Trab. 2016;14(3):275-84.

Souza VS, Silva DS, Lima LV, Teston EF, Benedetti GMS, Costa MAR, et al. Qualidade de vida dos profissionais de enfermagem atuantes em setores críticos. *RevCuid.* 2018; 9(2): 2177-86.

Vasconcelos EM, Martino MMF. Preditores da síndrome de burnout em enfermeiros de unidade de terapia intensiva. *Revista Gaúcha Enfermagem.* 2017; 38 (4): e 65354.

Videbeck SL. *Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiatria.* Porto Alegre: Artmed; 2012. Cap 1, p. 17.

Vidotti V, Ribeiro RP, Galdino MJQ, Martins JT. Síndrome de Burnout e trabalho em turnos entre a equipe de enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 2018; 26:30-22.